

Longa jornada junho adentro

Participação de Bruno Torturra no debate organizado por Maria Cristina Fernandes, Viana de Oliveira, Robinson Borges e Bruno Yutaka Saito

Valor, 09/08/2013

Dois meses depois que uma série de pequenas passeatas pela revogação do aumento das tarifas do transporte público em São Paulo e outras cidades se transformou em onda gigantesca de manifestações em todo o país, ainda é difícil imaginar como vai ser o impacto na política no Brasil daqui por diante. Mas um desejo irrefreável de maior participação na democracia e ampliação das possibilidades de comunicação emerge das análises expressas em mesa-redonda promovida pelo **Valor** entre os professores de ciência política José Álvaro Moisés (Universidade de São Paulo) e Jairo Nicolau (Universidade Federal do Rio de Janeiro), o professor de comunicação e jornalista Eugênio Bucci (USP) e Bruno Torturra, cofundador do coletivo Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação).

As variáveis ainda em jogo são inúmeras: a atuação da polícia, estopim que deu início à expansão dos protestos, diante da atuação violenta de grupos (como Black Bloc) que atacam símbolos do capitalismo; as novas formas de mídia, diante da imprensa dita tradicional, num embate de formas de atuação; a resposta dos partidos instituídos, diante de uma massa de cidadãos que começa a exigir um papel na decisão política. E a grande dúvida que ainda paira: o que ocorrerá em 2014, ano de Copa do Mundo e processo eleitoral?

Leia a seguir as principais falas de Bruno Torturra

Bruno Torturra: Estamos nos apressando em tentar tirar um saldo, mas a história mal começou. E também não começou em junho. O Brasil vem acumulando pequenas manifestações há alguns anos. Há uma tendência de ocupar ruas e tentar criar movimentos horizontalizados. Isso explodiu em junho. É inevitável que o jeito de fazer política seja transformado, mas não me arrisco a dizer como.

Torturra: Quem tomou posição mais clara tende a crescer, como a Rede, de Marina Silva. Porque ela se chama rede, vem de uma lógica horizontal, tem um discurso oriundo do ativismo, uma crítica ao funcionamento dos partidos, e está fazendo algo que tende a ganhar espaço: candidaturas autônomas.

Torturra: É preciso falar da fragilidade da sociedade em rede. Ela é ágil para ir à rua, mas sua atenção dura pouco. Ela é tão acelerada que sempre precisa pedir a próxima pauta. O plebiscito caiu, agora é o Amarildo [de Souza, pedreiro desaparecido no Rio depois de convocado para depor na UPP], daqui a duas semanas vai ser o quê? O metrô de São Paulo? Se a sociedade não se responsabilizar, o Estado não precisa ser reformado: é só esperar que a coisa esfrie. Isso reforça o pior sentimento: o cinismo. Dizer que não adianta, o mundo é assim.

Torturra: A presença do Black Bloc é reação ao sentimento de que o movimento estava sendo tomado por fascistas. Mas isso é uma alucinação. O Black Bloc foi para a rua com o seguinte discurso: "Chega de ver a sede da Fiesp fazendo projeção em verde e amarelo. Chega de classe média alienada querendo determinar o que o protesto é".

Torturra: O Black Bloc não é um movimento. É uma estética, um código simples de reproduzir. Quando vão para a rua a sociedade identifica: o Black Bloc chegou. É um comportamento emergente. A ausência de liderança, que virou clichê, é ausência de mediação. A ação direta das pessoas, seja alguém de classe média que pintou a cara de verde e amarelo, seja o garoto de periferia que vai quebrar um banco.

Torturra: É muito significativa [a ausência do clamor por repressão]. A violência foi dirigida aos bancos. Se fosse uma quebradeira na avenida Paulista inteira, arrebatando bares e comércio, batendo

em pessoas, o clamor por repressão viria. Grande parte da sociedade pacata se sente representada. Não está disposta a fazer como o Black Bloc, mas se diz intimamente: "Pode continuar, não quero que a Rota quebre esses meninos".

Torturra: Há uma cultura profunda na polícia e na sociedade de que a ordem é um valor em si, mais importante que a justiça, por exemplo. Grande parte da sociedade que está na rua acha o oposto. Que a ordem emana de um mundo um pouco mais justo.

Torturra: O brasileiro se acostumou à vida instável, a se preocupar com o fim do mês. Exigir cidadania era um luxo. Agora as pessoas respiram mais aliviadas. A classe média se sente com poder. Elas se perguntam: "Cadê a cidadania?". Até mesmo um governo de esquerda as tratou como consumidoras, não cidadãs. Por mais que 40 milhões de pessoas tenham subido, e é uma conquista histórica, a ascensão social não veio acompanhada de afluência democrática.

Torturra: Parte da causa da paranoia sobre a direita capturar o movimento é que a opinião pública não é mais estável. Ela está em rede, tem narrativas múltiplas e uma salada ideológica, não só na sociedade, mas na cabeça de quem está na rua. Tem gente que é anticomunista, mas defende a estatização dos bancos, quer pena de morte, quer saúde pública. A opinião publicada, que sempre teve o monopólio sobre o que é a opinião pública, está sendo constrangida. Na fusão de rede com rua, a salada ideológica se manifesta de milhões de maneiras. As placas tectônicas que estão se mexendo estão longe de parar. O ano que vem vai ser ainda mais intenso, com eleições e a Copa.

Torturra: Não podemos esquecer o lado emocional. Há algo de psicodrama, terapia coletiva, catarse, nas manifestações. Vem de uma certa carência das pessoas, na falta do espírito público que não seja estatal. As pessoas têm desejo de participação pública no mundo todo, na Turquia, nos Estados Unidos, na Espanha. É uma nova psicologia de massas. Há um caráter emocional represado, uma carência pública de sociedades segmentadas em classes de consumidores.

Torturra: O papel da mídia está subestimado, inclusive na percepção de que é um inimigo e alvo. A crise de linguagem é uma crise narrativa. As pessoas não se sentem traduzidas. Além da violência policial, além dos editoriais, um componente decisivo foi a percepção de que estão mentindo para nós. Não estão respeitando nossa inteligência, nossa cidadania. A mídia independente, da qual sou representante, é um fenômeno de cidadãos conectados. O cidadão que filma e compartilha representa a crise de mediação. Os partidos estão em crise, o Congresso, a mídia, as igrejas. Antes eles tinham o monopólio da mediação. A capacidade de se comunicar diretamente e coletivamente significa que o que era uma conversa de bar, e podia facilmente tornar-se a cultura cínica de que é assim mesmo, mudou.

Torturra: O jornalismo cidadão não vai substituir o jornalismo comercial. Ele vem provocá-lo, arejá-lo, causar uma saudável crise de consciência. É uma operação cara, claro, mas precisa ser tão cara? A TV precisa ter o tamanho que tem hoje? Será que não se pode diminuir o custo com equipamentos e tecnologia, para difundir a informação de outra forma? Será preciso gerar tanto lucro para tão pouca gente e pagar tão mal os jornalistas? Será que não podemos criar estruturas um pouco mais democráticas? Ao mesmo tempo, o leitor, o espectador, que já se sente mais com poder, vai ter que se reformular. Vai ter que entender que com esse novo poder de confrontar as narrativas vem a responsabilidade de não ser só um replicador de informação. Precisa checar também. E precisa decidir se está disposto a financiar formas colaborativas de mídia, já que rejeita, por exemplo, a notícia de um jornal que tem anúncios e talvez seja manipulado por causa disso. Mesmo assim, não defendo o fim do modelo vigente. Seria um país pior se os jornais fechassem.

Torturra: Há algo no movimento que vem da rede e se funde com a rua. Há coisas que sobem e, por algum motivo, ecoam. São os memes, ninguém sabe por que pegou. Por que a Maré não pegou e o Amarildo pegou? Talvez o nome Amarildo soe melhor, ou veio no dia certo. Alguém fez uma frase, "Onde está Amarildo", quase um slogan. Tem uma coisa publicitária da nossa geração. Quem sabe manipular isso se dá muito bem. A Rocinha se sentiu com poder quando viu manifestantes de classe média pedindo satisfação sobre um morador da favela. Houve uma articulação em rede, muito contato no Facebook. Essas pontes estão se estabelecendo através de signos e códigos.

Torturra: Quando entrevistamos pessoas que repudiavam a bandeira do Partido dos Trabalhadores, não era repúdio à política social. Era contra a aliança com Renan Calheiros e Sarney, o apoio de Marco Feliciano. Tem uma juventude que, quando ouviu falar de política, Lula já era presidente e agia de maneira incoerente com a tradição de luta popular. Na cabeça do jovem que está começando a descobrir política, a bandeira do PT representa hipocrisia. Quando veem as bandeiras, gritam: "Oportunistas!". E os petistas, que foram à rua para defender seu histórico, não a presidenta, respondem: "Fascismo!". Mas a maioria das pessoas com bandeira do Brasil defendia valores que o petista de carteirinha defenderia.

Torturra: Um erro do movimento é achar que a ausência de liderança é um valor em si. Precisamos de mais liderança, não menos. Não seria alguém para mandar em todo mundo, mas para representar as vozes. Alguém que vai ser bem mais cobrado que as lideranças analógicas. Também não tem ninguém traduzindo isso culturalmente. Os porta-vozes que faltam na política, capazes de traduzir e atualizar o sistema, também faltam na arte. Algumas pessoas captam esse sentimento. Se não é mais o líder político ou o artista, talvez sejam [Julian] Assange, [Edward] Snowden, [Bradley] Manning.